

O Tempo é o Homem? | Luan de Souza Balbino

Fazia frio naquela madrugada de quinta-feira, e mais gelados pareciam os entraves que tentavam roubar a minha felicidade (ou assim quisera acreditar). Em volta, a cidade amanhecia junto aos estudantes que se encaminharam ao transporte público, todos eles em bando com medo de alguma periculosidade iminente. Ao suscitar o atraso do ônibus, o relógio parecia mostrar não só as horas, mas a própria decadência do período atual - continha naqueles ponteiros muito mais que números, era um encontro do eu com eu na incidência entre a essência e o excesso. O agora é novo e também antigo porque fora capturado pelo tempo, tornando desde antes tudo em futuro. E já sabíamos que a hora deste instante nunca seria repetida, embora todos os dias o relógio marcasse com o mesmo empenho o nosso novo e constante instante-já, dentro do espaço. E nas mãos, toques. E nas palavras, o desejo: sempre enigmático. Esse é o devir. Eu quero isso, o mistério: o que está depois do depois?